

Letramento Matemático a partir da obra infantil de Monteiro Lobato: reflexões e possibilidades

Mathematical Literacy based on Monteiro Lobato's children's work:
reflections and possibilities

Alfabetización Matemática a partir del trabajo infantil de Monteiro Lobato:
reflexiones y posibilidades

Adriel Gonçalves Oliveira¹  

Aline Vieira da Cunha²  

Resumo

Este trabalho objetiva refletir sobre o letramento matemático a partir do uso da literatura infantil de Monteiro Lobato. Nossa opção de análise se desenhou aproximando-se da estética ficcional, no diálogo entre as conhecidas personagens do Sítio do Picapau Amarelo, resguardando a característica discursiva de cada uma delas, realçando a dimensão de constructo do conhecimento. Além disso, consideramos o contexto histórico da época de produção das obras em questão como remontado a partir de outros textos e, portanto, ele só pode ser conhecido mediante a intertextualidade. Diante da análise é possível perceber que a obra Infantil de Lobato possibilita a criação de diversos contextos de aprendizagem o que é fundamental para dar significado ao conhecimento e desenvolver o letramento matemático.

Palavras-chave: Letramento Matemático. Literatura e matemática. Monteiro Lobato.

Abstract

This work aims to reflect on mathematical literacy using Monteiro Lobato's children's literature. Our analysis option was designed approaching fictional aesthetics, in the dialogue between the well-known characters of Sítio do Picapau Amarelo, protecting the discursive characteristic of each of them, highlighting the dimension of knowledge construction. Furthermore, we consider the historical context of the time of production of the works in question as reassembled from other texts and, therefore, it can only be known through intertextuality. In view of the analysis, it is possible to see that Lobato's work Infantil allows the creation of different learning contexts, which is fundamental to giving meaning to knowledge and developing mathematical literacy.

Keywords: Mathematical literacy; Literature and mathematics; Monteiro Lobato.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre la alfabetización matemática utilizando la literatura infantil de Monteiro Lobato. Nuestra opción de análisis fue diseñada acercándose a la estética ficcional, en el diálogo entre los personajes conocidos del Sítio do Picapau Amarelo, protegiendo la característica discursiva de cada uno de ellos, destacando la dimensión de la construcción del conocimiento. Además, consideramos el contexto histórico del momento de producción de las obras en cuestión como reensamblado a partir de otros textos y, por tanto, sólo puede ser conocido a través de la intertextualidad. A la vista del análisis, es posible ver que la obra Infantil de Lobato permite la creación de diferentes contextos de aprendizaje, lo cual es fundamental para dar significado al conocimiento y desarrollar la alfabetización matemática.

Palabras clave: Alfabetización Matemática. Literatura y matemáticas. Monteiro Lobato.

1 Doutor em Educação Matemática pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática (PPGECM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Natal, RN, Brasil. E-mail: adriel.oliveir@ufrn.br

2 Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Tecnologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL). Professora da Escola Municipal de Ensino Fundamental Machado de Assis, Pelotas, RS, Brasil. E-mail: alinepacto@gmail.com.

1. Introdução

O presente artigo tem por objetivo discutir sobre a possibilidade de letramento matemático a partir da literatura infantil de Monteiro Lobato. Para isso, lançaremos mão de uma escrita que se aproxima de uma elaboração estética, a fim de ressaltar a dimensão de constructo dialógico da produção de conhecimento. Pois, segundo Rancière (2012), a poesia permite formas outras de inteligibilidade, ao conectar eventos de maneira diversa do seu fluxo linear e temporal.

Nosso exercício de escrita será um diálogo que mimetiza as personagens de Lobato, — a boneca Emília, o Visconde de Sabugosa, Dona Benta e Narizinho — cada qual dentro de sua característica, problematizando autor e obra de maneira circunspecta ao contexto de escrita inicial. Para começar, pegaremos atalho na leitura desta seção que por ora é finalizada.

2. Cuidados Teórico-Methodológicos

— Estava compreendendo essa discussão, vovó. Mas agora me perdi nessa frase ‘circunspecta ao contexto de escrita inicial’... O que é contexto, afinal, vovó? — perguntou Narizinho, a menina do nariz arrebitado, com a típica ingenuidade que lhe é inerente.

— Bem, minha filha, esse trecho se refere à época em que o texto de Lobato foi escrito, quer dizer, que o contexto das décadas de 1920 a 1940, que é quando a obra infantil de Lobato foi publicada, será levada em conta para a interpretação que aqui estamos construindo — respondeu Dona Benta, de maneira muito paciente.

— Mas então, vovó — interferiu Emília, de maneira bastante insinuante — “quer dizer que a obra de Lobato por si só não diz nada? Ela requer um ‘tal de contexto’ — e Emília gesticulou com os dedos da maneira característica quando alguém acresce aspas na linguagem falada — para tapar os buracos deixados pelo texto”?

— Não sei, não, Emília — respondeu Narizinho — pois me parece uma maneira de lidar com a leitura bastante radical, pois eu sempre achei que os textos que lemos sobre nossas peripécias aqui no sítio são bastante autônomos. Não foram insuficientes para compreendermos nossa leitura — disse Narizinho, reflexiva, quase em tom de desabafo.

— Ambas as observações são bastante interessantes — redarguiu o Visconde de Sabugosa, que estava calado até então, — pois elas desvelam duas tipificações a textos segundo critérios acadêmicos, a internalista e a externalista (Miguel, 2010).

— E o que são elas? — perguntou Narizinho.

— Ora, Narizinho, — respondeu o Visconde, — a interna interpreta o texto a partir dele mesmo, partindo do pressuposto da autonomia do texto, isto é, ela considera, por exemplo, **Emília no país da Gramática** ou **O Poço do Visconde** como obras que encerram em si mesmas todo o ABC e todo XYZ que pode ser conhecido sobre elas. Em oposição a essa abordagem, a externalista alimenta o fetiche de interpretar obras colocando-a com o mundo social, ou seja, uma obra, digamos **A Aritmética da Emília**, apesar de dizer algo a partir de si, só pode ser compreendida na íntegra se associada ao contexto de sua produção.

— Era esse então o significado daquela frase, no fim da *introdução* deste texto, que diz: ‘nosso exercício de escrita será um diálogo que mimetiza as personagens de Lobato, cada qual dentro de sua característica, problematizando autor e obra de maneira circunspecta ao contexto de escrita inicial’? — perguntou Narizinho.

— Entendo a sua pergunta, Narizinho. Mas há uma confusão aí de um pressuposto teórico com outro metodológico. Ora, Narizinho, essa frase se refere a um modo de fazer, de construir, de elaborar o presente texto. Nesse sentido, sim, vamos considerar o contexto na nossa análise, mas com certos cuidados...

— Eu não vou tomar cuidado é com nada — disse Emília. — Até porque, meu caro Visconde, que obrigação tenho de saber de certo contexto externo, de me apropriar de uma abordagem externalista, eu, Emília, que vivo apenas internamente aos livros de Lobato, que existo somente como personagem ficcional? Me diga, caro Visconde, por que eu faria isso, por que eu tomaria esse cuidado? — perguntou Emília, desbocadamente descuidada.

— O comentário da Emília, Visconde, me fez perceber certas questões que acho que não superamos,—desabafou Dona Benta.—Pois, esses dois modos de tipificações textuais, apesar de divergirem quanto a suas abordagens interpretativas, parecem recaírem sobre o mesmo problema de considerar texto e contexto como polos opostos... E Emília tem razão: se somos todos aqui personagens ficcionais, como vamos nos ater ao contexto do mundo real? — perguntou, sabiamente, Dona Benta.

O Visconde coçou o queixo, pensativo, e propôs:

— Podemos evocar trabalhos sobre a obra de Lobato, e nos pautarmos neles. Parece-me razoável a inferência de que esses estudos remontem tal contexto histórico e social. O que acham?

— Acho que essa foi uma sábia *asneirência* de vossa *viscondade*. Pois, apesar de ser uma ótima sugestão, ela não resolve o problema que você mesmo, Visconde, e Dona Benta apontaram.... O problema levantado foi de caráter teórico, isto é, o modo como concebemos a ideia de contexto demarca uma rigidez polar entre texto e contexto. A sua solução não desfaz essa questão do ponto de vista teórico.

— É verdade! — exclamou Narizinho. — É uma ótima ideia metodológica. E só...

— É uma pena! — disse o Visconde. — Pois eu já me imaginava visitando congressos, eventos, simpósios, seminários, aprendendo e ensinando mais sobre nós todos, aprendendo a ensinar e ensinando a aprender.

— Imagina o estranhamento das pessoas ao flagrarem um Visconde de dois palmos de altura visitando congressos — comentou Dona Benta, em tom de riso.

— É isso! — gritou Emília. — Resolvemos o problema!

— Como, Emília, se é impossível o Visconde abandonar nosso mundo ficcional lobatiano? — disse Narizinho.

— Não é essa a solução. A solução não é o Visconde sair daqui e ir para eventos científicos. A solução é o estranhamento das pessoas. Sim, elas estranhariam. Mas a nossa solução é que haveria algo para estranharem. Pois todos saberiam de quem se trata... O que quero dizer é que nós existimos como ficções no mundo real — disse Emília.

— Entendi, Emília, mas não sei como isso resolve aquele nosso problema do ponto de vista teórico — disse o Visconde.

— Ora, Viscondinho, resolve, pois desfaz a delimitação rígida entre texto e contexto, desfian-do o contexto em outros textos, infinitos textos, e a acepção que faço de texto é bastante ampla — respondeu Emília.

— Ah, começo a entender — disse Dona Benta, — nem o texto existe fora de contextos, nem o contexto se faz fora de outros textos.

— Exatamente! — disse Emília, entusiasmada. — Com isso, a gente desfaz pretensas relações causais entre texto e contexto, para construir uma relação de compreensão, parcial e subjetiva, de textos com outros textos externos³.

— Muito bem colocado, Emília. — Elogiou-a o Visconde. — Essa observação é particularmente interessante para nosso trabalho, pois já dissemos que nossa opção de análise busca, na intertextualidade entre autor e obra, contextualizar o período de escrita da obra de Lobato... Quero dizer, como contextualizar um período histórico senão por meio da intertextualidade (Brito, 2011), uma vez que consideramos o contexto histórico formado a partir de outros textos que remontam àquele período estudado?

— Realmente, Visconde! — exclamou Dona Benta. — E, se o contexto é construído intertextualmente, assim também se deixará ver a relação entre autor e obra, autor-Lobato-texto e obra-texto-autoral, não é mesmo, crianças?

— E é importante frisar — disse Emília — que nossa análise não recai na cilada da interpretação que dissocia forma e conteúdo (Sontag, 1987).

— Como assim? — perguntou Narizinho.

— É um problema de certos modelos de interpretação, Narizinho, que, ao examinar obras de arte, sobretudo pinturas, esquecem-se da forma e passam a focar somente no conteúdo, geralmente com uma velada intenção de traduzir os elementos estéticos da pintura em sentenças formula-das livres da forma segundo a qual foram concebidas — disse o Visconde.

— Como poderíamos não fazer isso? — perguntou Dona Benta.

— Acho que, para entendermos como poderíamos não fazer isso, vovó, talvez seja mais di-dático demonstrar como nós poderíamos fazer isso — sugeriu Narizinho.

3 “a relação que se estabelece entre texto e contexto não seria uma *relação de causalidade*, direta ou indireta, que iria de um suposto “texto-discurso-parte” para um suposto “contexto-realidade-todo”, ou no sentido contrário, mas uma *relação discursiva* de intercompreensão parcial e subjetiva que sempre coloca o texto-discurso-parte em relação com outros textos-discursos-partes” (Miguel, 2010, p. 34).

— Ora, Narizinho, essa é fácil — respondeu Emília. — Basta nós ignorarmos toda a estética envolta à obra de Lobato e a tratarmos como sentenças puramente matemáticas. Em última instância, basta ignorarmos o designativo “da Emília” que vem ressignificar a obra aritmética de Lobato. Sem isso, **Aritmética da Emília** torna-se apenas Aritmética... Não vou falar nada, então é preciso que vocês todos percebam sozinhos, que eu, a Emília, sou praticamente toda a arte, toda a poesia, tudo o que é sublime e o criativo da obra de Lobato.

— Ai, Emília! — gritou Narizinho, em tom de desabafo. — Você me cansa com essa vaidade tão exacerbada! Emília quase tem complexo de deus. Ou de deusa.

— Não, Narizinho... Não tenho complexo de deus ou deusa coisíssima nenhuma — respondeu a boneca, debochadamente.

— Eu vou rezar por você, Emília! — retrucou Narizinho, igualmente debochada!

— De tanta reza... Será possível isso que estou vendo? — indagou Dona Benta, anacolatamente.

3. Autor e obra

Eis que caminhava em direção à roda de conversas um sujeito de sobrelhas muito grossas, bem marcantes, carregando uma bengala de madeira num tom marrom escuro, um item muito elegante, usando um sobretudo de mesmo tom. Dona Benta esfregou os olhos e pensou não acreditar no que estava vendo.

— Olá, meu querido. Que saudades de ti! — exclamou Dona Benta.

— Olá! — respondeu o recém-chegado, quando foi interrompido por Emília, que berrou:

— Quem é você?

— Olá, Emília. Muito prazer... Eu sou o José Bento Monteiro Lobato.

— Falávamos agorinha mesmo de você — disse o Visconde.

— Sim, inclusive queríamos conversar com você sobre a possibilidade de uso de sua obra infantil para o letramento matemático. — convidou-o, Narizinho, para se juntar à conversa.

— Que interessante! — exclamou o autor de Urupês. — Mas não sei até que ponto uma tentativa de usar a minha obra será válida.

— Por que dizes isso? — indagou Dona Benta, que o tratava pelo pronome tu numa consideração quase religiosa de falar com seu criador.

— Porque, cara Dona Benta, eu fui cancelado nas redes sociais atualmente, em virtude de termos “racistas” contidos em minha obra — disse Lobato, fazendo aquele gesto típico de aspas enquanto proferiu sua frase.

— Ora, ora, ora... — debochou Emília, em tom ritmado. — Mas os termos são racistas mesmo. Você é racista. E ponto final.

— Emília, tenha modos! — disse Narizinho.

— Emília, não temos elementos para caracterizar Monteiro Lobato como racista. O que aconteceu foi que, em 2010, o Conselho Nacional de Educação determinou que o livro **Caçadas de Pedrinho** não fosse mais disponibilizado às escolas públicas, em virtude de termos racistas — disse o Visconde.

— E qual é a fonte dessa informação? — perguntou Dona Benta.

— Ora, Dona Benta, isso é público e pode ser consultado a qualquer momento nos oráculos da *internet*. Aliás, se alguém buscar pelos termos ‘Lobato’ e ‘racista’, vai encontrar uma infinidade de *links* — arrematou o Visconde.

— Vai encontrar uma infinidade de *links*, prosseguiu Emília, porque existem infinitas evidências do racismo descarado de Lobato. Vejam: “Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou que nem umamacaca de carvão pelo mastro de São Pedro acima, com tal agilidade que parecia nunca ter feito outra coisa na vida senão trepar em mastros” (Lobato, 2019a, p. 38).

— Eu me lembro desse acontecimento, — disse Narizinho com empolgação, — tudo isso ocorreu no livro **Caçadas de Pedrinho**, quando Tia Nastácia fugiu de uma onça...

— De fato, Narizinho, — concordou o Visconde, — e o termo problemático é justamente o uso comparativo de Tia Nastácia com macaca de carvão...

— Exatamente! — vociferou Emília — Vai me dizer agora, Visconde, que você não considera esse trecho racista?

— Emília, muitas variáveis entram em questão. A comparação de Tia Nastácia com uma macaca de carvão não se situa em território racista, pois não é da figura de uma com a de outra, e sim com a habilidade de trepar mastro acima, fugindo da onça — disse o Visconde.

— Mas o que você espera que crianças entendam ao ler isso? — perguntou Emília.

— Espero que sejam muito bem orientadas, quiçá por edições com comentários e explicações, assessoradas por professores muito bem formados, que esclareçam questões de um contexto histórico de quase cem anos — arrematou o Visconde.

— Mas não é só isso, — berrou Emília, — há também o livro **O Presidente Negro ou o Choque das Raças**, que traz uma série de problemas, ao separar as raças...

— Quanto a isso, Emília, primeiro que esse não é um livro infantil, segundo que essa é uma trama totalmente distópica. Eu já era o escritor renomado, quando o publiquei. Eu queria, com isso, entrar no mercado americano com um livro que fosse proibido, porque o que é proibido vende, se dissemina, viraliza (Lobato, 2010).

— Não o culpo por essa estratégia — disse o Visconde, — porque é a mesma que ocorre nas redes sociais. O que interessa é a repercussão, a quantidade de *likes*, de cliques, o quanto um conteúdo pode viralizar, sem importar tanto se a informação nele contida é procedente ou não...

— Essa é a lógica segundo a qual, Lobato, é cancelado todos os dias nas redes sociais, — disse Dona Benta. — Dá muito mais ibope, gera muito mais engajamento nas redes sociais, deturpar sua imagem e obra do que refletir de maneira profunda sobre esses acontecimentos.

— Mas você poderia ter sido mais cuidadoso na representação de personagens negros nos seus livros — desabafou Narizinho.

— Olha, Narizinho — emendou o Visconde, — se você se debruçar sobre a literatura anterior a Lobato, vai ver como o negro não tinha lugar no imaginário criativo da representação social daquelas épocas.

— Lá vem o Visconde “passar pano” para este senhor — provocou Emília, que estava com uma página bem sensacionalista aberta no *Instagram*.

— Não se trata disso, Emília! — esbravejou o Visconde, — Lobato nasceu em 1882, seis anos antes da Lei Áurea, e não cabe entrar aqui nos pormenores da abolição do trabalho escravo, mas vou falar numa linguagem bem *instagramável*⁴ para você entender: ao acusar Lobato de racista, quem “passa pano” é você, porque rotula apenas um indivíduo, escondendo tudo que lhe atravessava e que era característico da época que viveu. Lobato era um homem de seu tempo. O que quero deixar claro é que não devemos ler a obra de Lobato com os olhos de hoje.

Pensativa, Emília logo fugiu para atacar...

— Mas eu sou de certa forma uma prova de que havia, sim, certo racismo da parte deste senhor esbravejou Emília.

— O que você quer dizer, Emília? — perguntou Narizinho.

— Quero dizer que, obviamente, sou a grande estrela de todo o Sítio do Picapau Amarelo. E fui feita de acordo com o ideal de beleza deste senhor. Tenho certeza que se o leitor fechar os olhos e imaginar uma boneca Emília, verá uma criaturinha de estatura média-baixa, de cabelos grossos e amarelados como raios de sol, imitando uma menina que muito se assemelha às princesas loiras da Disney — disse Emília.

— Emília, essa é a figura que você se tornou, depois de tantas vezes ser representada por diversos artistas. Mas, nas primeiras edições dos livros de Lobato, você não era essa lindeza toda, estilo princesa da Disney. Você era feiosa, desproporcional, com a cabeça muito maior do que o corpo, para se assemelhar às bonecas feitas de espiga de milho que as crianças faziam na época de publicação dos meus livros — disse o próprio Lobato.

— Bem, acho que podemos encerrar esse assunto — disse Dona Benta Encerrabodes de Oliveira, cansada de tantas acusações feitas a seu criador.

— Permita-me fazer uma última observação quanto a isso, dona Benta — pediu o Visconde de Sabugosa — Olha, Emília, eu tenho esse seu retrato (Figura 1), da primeira edição da **Aritmética da Emília (1935)**, que guardo com carinho. Veja como a sua figura era, no mínimo, “desprincesada”.

⁴ Linguagem elaborada com o propósito de circular na rede social *instagram*

Figura 1 — Roubando os manuscritos da Aritmética da Emília (Lobato, 1935, p. 164)



— Emília, minha filha, que foto é essa? O que você estava fazendo? — perguntou Dona Benta, escandalizada.

— Ora, Dona Benta — redarguiu o Visconde, — ela roubou o manuscrito das aulas de aritmética que ministrei para todos lá no sítio e os publicou como se fosse de autoria dela.

— Roubei coisíssima nenhuma! — exclamou Emília, — No máximo, na pior das hipóteses, eu o corriji...

— Como assim, Emília? Eu lembro dessas aulas que o Visconde nos deu no sítio. As aulas foram dele mesmo — disse Narzinho.

— De fato. As aulas foram ministradas pelo Visconde, que é uma espécie de sábio sabe-tudo. Ele é o porta voz do pensamento positivista, é uma bandeira da ciência intrínseca à obra de Lobato — admitiu Emília.

— Finalmente! — celebrou o Visconde, — Emília confessa que roubou os manuscritos.

— Roubei *nadica* de nada — respondeu a respondeira. — Pois é justamente por isso, Visconde, por você ser um signo científico, é que o livro de aritmética precisa ser de minha autoria...

— Emília deve ter batido a cabeça com muita força, porque ela anda meio lelé da cuca — disse Narzinho.

— O que você quer dizer, Emília? — perguntou Dona Benta.

— Quero dizer que o Visconde sempre vivera entre os calhamaços da biblioteca da vovó, na estante. A sua mesa era um exemplar do livro *O Banquete*, de Platão, que vivera na Grécia antiga

A casa do Visconde era um vão de armário na sala de jantar. Dois grossos volumes do Dicionário de Morais formavam as paredes. Servia de mesa um livro de capa de couro chamado *O Banquete*, escrito por um tal Platão que viveu antigamente na Grécia e devia ter sido um

grande guloso. A cama era formada por um exemplar da Enciclopédia do Riso e da Galhofa, livro muito antigo e danado para dar sono. Mas desde que o Visconde ficou uma semana inteira atrás da estante e criou bolor pelo corpo inteiro, não era ali que ele dormia, para não sujar o chão com o seu pozinho verde; dormia na lata. Outros “móveis” — armarinhos, cadeiras, estantes, também eram formados dos livros de capa de couro, que dona Benta havia herdado de um seu tio, o Cônego Agapito Encerrabodes de Oliveira. Era naquela casinha que o Visconde passava a maior parte do tempo, lendo, lendo que não acabava mais. E tanto leu que empanturrou (Lobato, 2008, p. 150).

— De fato, essa era a minha casa. E lá, por todas essas influências e acessos, me tornei um homem, quer dizer, um sabugo erudito — confessou o Visconde.

— Bem, com tudo isso em mente, eu lhes pergunto: caberia toda essa erudição do Visconde num livro escrito para crianças? Óbvio que não! Portanto, eu que sou o tom que, desafinando o discurso conciso da razão científica, harmonizo minha tagaralice com o gosto das leituras infantis — disse Emília.

— O que você quer dizer, minha filha? — perguntou Dona Benta.

— Ora, Dona Benta, para responder a essa sua pergunta, precisarei fazer uma pequena digressão — comentou Emília.

— Pois fique à vontade, Emília! — disse Dona Benta.

— Bem, nós já problematizamos o título do livro em questão, que é **Aritmética da Emília** e não Aritmética do Visconde, isso porque cada personagem de Lobato desempenha certo papel no diálogo e na trama. Narizinho, por exemplo, é uma menina inteligente, mas com certa ingenuidade típica da infância (Brito e Oliveira, 2015).

— O que você quer dizer com isso, Emília? — perguntou Narizinho, de maneira ingênua.

— Quero dizer que, às vezes, diante de explicações um tanto quanto abstratas dadas na trama narrativa, era crucial para a fluidez do texto que você fizesse perguntas tais como essa, para que a explicação se desdobrasse em níveis didáticos para crianças. Você e Pedrinho exerceram muito bem esse papel — continuou Emília... (Brito e Oliveira, 2015)

— Muito interessante a sua observação, Emília,- disse o Visconde. - É por isso que você apontou com tanto ardor sobre a minha morada entre os calhamaços de Dona Benta, para ilustrar que eu sou a voz que traz o ponto de vista mais erudito sobre os assuntos debatido na trama (Oliveira, 2023).

— Exatamente! Enquanto a vovó traz contribuições menos eruditas e mais da experiência de quem já peregrinou por muitos anos no planeta — concluiu Emília (Oliveira e Silva, 2017).

— Tia Nastácia, por sua vez, é uma personagem que traz consigo o conhecimento popular. Não é à toa que o livro infantil **O Folclore**, que significa conhecimento do povo, é o único em que ela toma as rédeas narrativas — observou o Visconde.

— Bem, temos, em primeiro lugar, um diálogo composto pela inteligência ingênua de Pedrinho e Narizinho; em segundo, pelo saber da experiência, representado por mim, - disse Dona

Benta- ; em terceiro, o saber popular, de Tia Nastácia; em quarto, o saber erudito, do Visconde... E qual é o saber que você representa, Emília?

— Bem, eu ia chegar lá... Eu sou a síntese do protótipo-mirim do super-homem nietzschiano, nasci do pensamento niilista de Lobato, por isso carrego comigo essa imposição desconstrucionista, de pegar as verdades aceitas socialmente e desmontar sua base — disse Emília.

— De fato, crianças,- concluiu Lobato, - Emília é filha das leituras de Nietzsche

Dum banho em Nietzsche saímos lavados de todas as cracas vindas do mundo exterior e que nos desnaturam a individualidade. Da obra de Spencer saímos spencerianos; da obra de Kant saímos kantistas; da de Comte saímos comtistas — da de Nietzsche saímos tremendamente nós mesmos. O meio de segui-lo é seguir-nos. “Queres seguir-me? Segue-te!” Quem já disse coisa maior? Nietzsche é potassa cáustica. Tira todas as gafeiras (Lobato, 2010, p. 66).

— Lobato então, ao invés de tornar-se ele mesmo, transformou-se na Emília — observou o Visconde, em tom jocosos.

— Sim e não,- respondeu Emília -: sim porque colaborei e muito como personagem que deu identidade à obra de Lobato, e não porque não fui a única... Todos nós o fizemos, embora eu seja a grande estrela.

— Emília quer dizer que nós fomos um marco para a história da literatura infantil brasileira, pois, antes das publicações de Lobato, os livros eram em grande maioria traduções europeias, às vezes, escritas no português lusitano, o que dificultava a leitura de nossas crianças, ou então eram livros com apelo moral religioso muito forte. Lobato fere com essa tendência (Brito e Oliveira, 2015) — observou o Visconde.

— Gostaria de esclarecer, antes que todos me acusem de imoral, que nós, sobretudo eu, Emília,- disse a boneca -, nunca advogamos a imoralidade religiosa, mas tão-somente migramos de uma moral burguês-católica para outra laica.

— Por isso, à saga de seus livros, Lobato acresceu temas que falassem de ciências, como **Geografia de Dona Benta (1936)**, **A História do Mundo para Crianças (1933)**, **Emília no País da Gramática (1934)**, **o Poço do Visconde (1937)** e, finalmente, **Aritmética da Emília (1935)** — disse o Visconde.

— Por esse motivo, vovó, é que emprestei meu nomezinho lindo à aritmética do Visconde. Porque a aritmética do Visconde implicaria numa matemática vista do ponto de vista da erudição, que era o que cansava as crianças. A expressão “da Emília”, além de linda, suaviza o tom carrancudo do livro — disse Emília.

— Mas eu não entendi por que então podemos pensar na possibilidade de letramento matemático a partir da obra de Lobato, que você me disse que explicaria depois de toda essa digressão — objetou Dona Benta.

— Ora, vovó, pensei que fosse óbvio. Alguém proporia uma possibilidade de letramento matemático a partir dos livros de aritmética das décadas de 1930? Não! Mas, apesar do ensino de matemática ter se modificado bastante desde então, tanto que não falamos mais em ensino de

aritmética particularmente e sim de matemática, a imaginação que atravessa a obra de Lobato permanece viva na minha alegre e modificada figura de boneca descompensada e desproporcional para uma quase princesa da Disney – arrematou Emília.

– O que achas disso, Sr. Lobato? – perguntou Dona Benta.

– Ora, acho que, quando comecei meu projeto de escrever uma literatura infantil forjada aqui no Brasil, o que eu tinha em mente era escrever para as crianças do meu hoje para formar os adultos do meu amanhã – disse Lobato.

– Então é melhor deixarmos isso para amanhã,– disse Emília enquanto bocejava longamente de cansaço, – já está na hora de irmos para a casa.

– Curioso você dizer isso, Emília, porque, com meu projeto pessoal de construir uma literatura infantil genuinamente brasileira, eu também queria escrever livros onde as crianças pudessem morar, assim como morei num exemplar do Robinson Crusóe, quando eu era criança...

4. Letramento matemático

– Ahhhh, isso eu duvido muito! – interrompeu Emília. – Você nem é...

– Pois eu adoraria saber mais sobre essa história. Conte mais, Sr. Lobato – pediu Narizinho, interrompendo a boneca de propósito.

– Uma outra hora, talvez. Mas agora eu gostaria de saber mais sobre esse tal letramento matemático. Se não se aprende mais a matemática como antigamente, como se aprende, então? Visto que $2+2$ continuam sendo 4 – quis saber Lobato.

– Ora, Lobato! Da mesma forma que seus livros propunham grandes mudanças no ensino da época, pois eram baseados nos ideais da Escola Nova, movimento que revolucionou o ensino naquele momento – respondeu Dona Benta.

– A matemática pode não ter mudado, mas o conhecimento sobre como se aprende a matemática mudou muito, embora ainda tenhamos muito a aprender – completou o Visconde. E percebendo que tinha total atenção do seu pequeno público, continuou:

– As pesquisas indicam...

– Ai! – exclamou Emília -, lá vem ele com essas pesquisas chatas – disse, revirando os olhos.

– Emília, minha filha! As pesquisas são importantes para trazer dados e explicá-los adequadamente. Sem elas podemos ficar com impressões de que algo é sempre assim, quando na verdade estamos desconsiderando uma série de fatores – corrigiu Dona Benta.

– Exatamente, Dona Benta. É bem comum ouvir as pessoas dizendo que antigamente se aprendia muito mais, mas desconsideram que antigamente a escola não era para todos e que o índice de reprovação e evasão eram altíssimos – afirmou o Visconde, lançando um olhar de reprovação para a Emília.

— Verdade! E muitas vezes o que aprendiam na escola não tinha utilidade nenhuma fora dela — completou Lobato.

— Como assim, Sr. Lobato? — quis saber Narzinho.

— É que o que aprendiam na escola era tão desconectado da realidade que não tinha utilidade nenhuma em outros contextos — esclareceu Lobato.

— Era justamente sobre isso a pesquisa da qual eu estava falando — concluiu o Visconde, lançando novamente um olhar de reprovação para a Emília que, não se dando por vencida, cruzou os braços e fez uma careta de desdém para o Visconde.

— O PISA, Programa Internacional de Avaliação de Estudantes em Matemática, busca verificar se os alunos são letrados matematicamente. E na avaliação de 2015 verificou que, no Brasil, 70,3% dos estudantes estão abaixo do nível 2 de proficiência em matemática, numa escala que vai até o nível 6 (Brasil, 2016) — informou o Visconde.

— Isso quer dizer que mais de dois terços dos estudantes não sabem fazer uso dos conhecimentos matemáticos em situações reais de seus cotidianos? Inquiriu a avó impressionada com os números.

— Isso mesmo, Dona Benta. Porque o nível 2 é o estabelecido como patamar mínimo necessário para que os jovens possam exercer sua cidadania (Brasil, 2016) — concordou o Visconde. E vendo o interesse dos demais, continuou. — Antigamente buscava-se que houvesse escola para todos. Hoje, com esse problema praticamente vencido, surgiram novas demandas sociais e, por isso, ,saber fazer contas não é mais suficiente. É preciso que se saiba o que fazer com as contas (Fonseca, 2004).

— Mas tem uma coisa que eu ainda não entendi, Sr. Visconde. Como que se aprende matemática com as letras? — questionou, ingenuamente, a menina de nariz arrebitado.

— Como assim? — perguntou o Visconde confuso.

— Depois sou eu a *asneirenta*! — retrucou Emília e completou torcendo a boca e revirando os olhos. — Ela quer saber o que é o letramento matemático.

— Ora Narzinho, essa é uma pergunta muito interessante e a sua confusão é bem pertinente, afinal o termo Letramento tem sua origem relacionada à aprendizagem da língua escrita e posteriormente houve a transposição do conceito para outros campos do saber, inclusive para o campo da educação matemática, no qual ser letrado matematicamente “é conseguir aplicar os saberes matemáticos nas diferentes situações cotidianas, ou seja, é a interlocução entre os saberes escolarizados e os saberes vivenciais (Silva, 2017, p.2)”. Entendeu? — questionou o Visconde.

Narzinho não entendeu muito bem a explicação do Visconde, mas não conseguia explicar nem o que não tinha entendido, nem formular uma nova pergunta. Vendo a confusão da menina, Emília se antecipou:

— Trocando em miúdos: ser letrado significa saber fazer uso real, no seu dia a dia, dos conhecimentos aprendidos na escola. Entendeu agora, Narzinho? — questionou a boneca.

— Agora sim, Emília!

— Viram o que eu falei antes? Isso é o que dá pedir para um erudito explicar algo. Fala um monte de coisas e ninguém entende nada! É por isso que a Aritmética só poderia ser minha.

— De fato, sua explicação é bem mais simplificada, Emília — disse a avó pousando a mão no queixo, pensativa. — Mas o que eu ainda não entendi é como alguém se torna letrado matematicamente. E onde entram os livros do Sr. Lobato nessa história?

— Bom, considera-se que o letramento é para a vida toda, uma vez que ser letrado significa saber responder as exigências que a sociedade faz continuamente, exigências estas que estão sempre mudando (Soares, 2009). Assim, para que o aluno consiga transpor o que aprendeu na escola para o seu cotidiano, ele precisa ter um ensino contextualizado, em que possa fazer uso real ou em um contexto fictício do que está aprendendo — respondeu o Visconde.

— Se eu entendi bem, para aprender a fazer continhas, por exemplo, o aluno não deve só fazer contas, ele deve aprender a partir de situações contextualizadas. É isso? — indagou a avó.

— Isso mesmo — concluiu o erudito Visconde.

— E onde entram minhas histórias infantis? — quis saber Lobato.

— Suas histórias entram justamente na criação de contextos de aprendizagem mais significativos e mais próximos da realidade dos alunos (Jelinek e Adam, 2020) — concluiu o Visconde.

— E o que são estes contextos de aprendizagem? — questionou Narizinho.

— Esta eu sei! — interrompeu Emília toda faceira. — Os *textos de aprendizagem* são as histórias das cartilhas.

— Contextos, Emília. E não, não é isso — respondeu o Visconde já irritado. — Contextos de aprendizagens são situações que podem ser fictícias ou não, plausíveis de ocorrerem em práticas sociais reais, que tenham algum significado para aquele grupo de alunos e que lhes permitam fazer uso real e social dos conhecimentos adquiridos ou desenvolvidos na escola.

— Então, como eu disse! *Textos de aprendizagem* — retrucou a boneca, não se dando por vencida.

Todos se entreolharam e, num acordo tácito, resolveram não espichar aquele assunto, pois sabiam que não adiantava. A boneca ia continuar teimando.

— Acho que entendi por que a **Aritmética da Emília** não é o melhor livro para trabalhar o letramento, pois nesta história, em específico, estão contidas lições de matemática já sistematizadas, com todas as regras e generalizações — concluiu Lobato. — Ainda que estejam apresentadas de uma forma lúdica, estão descontextualizadas de situações reais de uso.

Emília não gostou do que ouviu e quando já ia protestar foi cortada por mais uma pergunta da menina.

— Quer dizer que não dá para aprender matemática com a **Aritmética da Emília**? — quis saber a menina desamparada.

— Claro que dá — respondeu o Visconde prontamente. — Dependendo do objetivo do professor, ela pode ser muito útil, principalmente no que se refere às regras e generalizações, como disse o Sr. Lobato. No entanto, quando falamos de letramento matemático, esta não é melhor história do sítio — concluiu.

— Ora, mas então onde encontraremos matemática nas histórias do sítio? — questionou Narizinho desamparada.

— Em toda parte! — antecipou Dona Benta. — Nós usamos a matemática o tempo todo para entender o mundo.

— Agora fui eu que não entendi! — exclamou Emília. — Explica isso melhor, vovó.

— Lembram aquela vez que a Cinderela veio nos visitar aqui no sítio? — indagou a avó. Como todos concordaram sacudindo a cabeça, continuou. — Aquele momento em que a Emília fica interrogando-a sobre o sapatinho de cristal pode ser usado como contexto. Vejam como foi contada a história:

A boneca tomou conta dela imediatamente.

— Também eu conheço toda a sua história. Mas há um ponto que não entendo bem. É a respeito dos tais sapatinhos. Um livro diz que eram de cristal; outro diz que eram de cetim. Afinal de contas, estou vendo você com sapatinhos de couro...

Cinderela riu-se muito da questão e respondeu que na verdade fora com sapatinhos de cristal ao famoso baile onde se encontrou com o príncipe pela primeira vez. Mas que esses sapatinhos não eram nada cômodos, faziam calos; por isso só usava sapatinhos de camurça.

— E de que número?

— Trinta.

— Trinta? — exclamou a boneca admirada. — Então meu pé é muito menor, porque o meu número é 3, e no entanto nunca me apareceu nenhum príncipe encantado!... (Lobato, 2019b, p. 163)

— Eu já sei! — exclamou Emília. — O texto tem trinta e tem três. Dá para aprender o número trinta e o número três — concluiu Emília toda orgulhosa.

Todos riram da empolgação da boneca asneirenta.

— Não Emília! Não é assim que se aprende os números. Neste caso o professor pode aproveitar esta passagem da história para criar situações de aprendizagem de comparação de tamanhos — disse a avó calmamente.

— Acho que estou entendendo o que a senhora quer dizer — disse o Visconde.

— Tá entendendo o quê? — questionou a boneca empertigada com as mãos na cintura. — Comparar tamanho de quê? Só se for dos pés. E isso lá é matemática?

— Comparação é um processo mental importantíssimo para a aprendizagem matemática — interveio o Visconde.

— Exatamente! — concordou Dona Benta. — O professor pode questionar: Alguém tem o pé do mesmo tamanho do da Cinderela? Quem tem o pé maior? E quem tem o pé menor? Pode pedir que comparem os tamanhos de seus pés e organizem uma fila pelo tamanho do pé, de maior a menor ou vice-versa; pedir que desenhem o contorno dos pés, recortem e organizem uma sequência a partir dos números de seus sapatos. E, a partir daí, diversas outras atividades semelhantes podem ser propostas como: organizar filas por ordem de tamanho, organizar os brinquedos em caixas de acordo com o tamanho das caixas e dos brinquedos. E... uma infinidade — concluiu a avó.

— Nossa! Quanta coisa dá para aprender vovó! — admirou-se a menina.

— E nestas atividades, aparentemente simples, as crianças estão trabalhando *comparação, conceitos de maior e menor, seriação, sequenciação, ordenação e conceito de ordinalidade* — enumerou o Visconde animadíssimo.

— Or-di-na-li-da-de! — repetiu a menina pensativa. — O que é isso Sr. Visconde?

— Ordinalidade refere-se ao caráter de ordem de um número, ou seja, à posição de um objeto em relação aos demais (Cunha e Montoito, 2021) — explicou o Visconde todo orgulhoso.

— Eu não fazia ideia que se podia aprender tudo isso a partir de uma história. E nem é da história inteira, é só uma passagem da história — disse o Sr. Lobato.

— Mas eu quero ver aprender matemática com números. Isso de ficar comparando pés e tamanhos não me convence — redarguiu Emília.

— Emília, matemática não é só números e cálculos. Existem uma série de processos mentais, ações, conceitos e raciocínios que precisam ser desenvolvidos na aprendizagem matemática.

— O Visconde tem razão, mas a dúvida da Emília é bem pertinente, muitas pessoas pensam o mesmo — alertou a senhora. — Então vou satisfazer sua vontade, Emília. Lembra aquela vez que vocês resolveram fazer o circo de cavalinhos? Vejam esta parte:

— Tenho agora de levantar um empréstimo — disse ele. — Sem comprar uma peça de algodãozinho não poderei fazer O circo. Mas custa dez cruzeiros e no meu cofre só há cinco cruzeiros e trinta centavos.

A menina fez conta na areia com um pauzinho.

— Estão faltando quatro cruzeiros e setenta centavos, se a minha conta está certa.

— Menos — advertiu Pedrinho. — Podemos contar com a renda do circo.

— Grande renda! Você bem sabe que todos vão pagar de mentira, e com dinheiro de mentira não se compra nada nas lojas.

— Sim, mas há duas cadeiras de um cruzeiro cada uma, reservadas para vovó e Tia Nastácia. Elas têm que pagar dinheiro de verdade. E vou fazer já os bilhetes, porque precisamos vender essas cadeiras hoje mesmo e receber o dinheiro adiantado.

Pedrinho engoliu apressadamente as últimas pitangas e foi fazer os dois bilhetes especiais.

Narizinho, como era muito jeitosa para negócios encarregou-se de vendê-las. Dona Benta não botou dúvida; comprou e pagou com uma nota muito velha, mas que ainda corria.

Tia Nastácia, porém, era a negra mais regateadeira deste mundo de tanto regatear com os mascates sírios que passavam por lá. Fez a choradeira do costume e tanto barateou que obteve a sua entrada por oitenta centavos.

— Com uma condição! — disse a menina. — Você tem que arranjar um tabuleiro de cocadas e pés de moleque. Circo sem cocadas não tem graça (Lobato, 2019b, p. 215).

— Essa é fácil! — gritou Narizinho. — É só fazer as continhas!

— Isso que é matemática na história — completou Emília.

— Sim e não! — retrucou a avó. — Sim, ao contar a história o professor pode ir parando e questionando as crianças sobre quanto ainda falta para completar o valor necessário. E não, não é só fazer as continhas. Essa parte da história pode ser aproveitada para trabalhar o sistema monetário atual. Pode-se trabalhar o conceito de lucro e prejuízo, questionando as crianças se Pedrinho e Narizinho tiveram lucro ou prejuízo. É importante deixar os alunos descobrirem as informações necessárias para responder a esta pergunta, caso contrário o professor estaria transformando a história num problema convencional e isso poderia acabar com o prazer da descoberta.

— Até porque, na vida real, não existe um professor para fornecer os dados dos problemas que se apresentam para resolvermos — concluiu o Visconde.

— E problemas é o que não faltam — falou Emília. — Principalmente com gente inventadeira por perto — completou olhando para Narizinho.

— Verdade! — exclamou o Visconde olhando para Emília.

— A partir deste contexto — continuou a avó como se não tivesse sido interrompida— é possível propor situações reais ou fictícias em que os alunos tenham que fazer uso desse conhecimento, como por exemplo a venda de algum produto para juntar dinheiro para algum passeio que a turma queira fazer ou criar, em sala de aula, um supermercado de faz de conta. Existem muitas possibilidades, basta usar a criatividade.

5. Considerações finais

— Eu estou estupefato! — exclamou Lobato. — Quando escrevi essas histórias, minha intenção era criar histórias divertidas onde nossas crianças quisessem morar. Só mais tarde é que escrevi histórias com o intuito que as crianças pudessem aprender os saberes da escola. Mas nunca imaginei que fosse possível aprender, também, com essas que não foram escritas com esse intuito.

— Nossas histórias, ou melhor, suas histórias — disse Dona Benta apontando para Lobato e rindo — possuem uma ambientação riquíssima, com diversas situações que proporcionam a criação de muitos contextos de aprendizagem, o que é fundamental para dar significado ao conhecimento e desenvolver o letramento matemático.

— Mas como que se acham essas situações, vovó? — quis saber Narizinho.

— Ora minha filha, o professor, tendo claro o que quer ensinar, ao ler as histórias vai perceber as possibilidades de criação de contextos de acordo com os interesses de seus alunos — concluiu a avó.

— Mas não é assim tão simples, Dona Benta — discordou o Visconde. — O professor precisa desenvolver um olhar atento para as histórias, de forma a perceber estas possibilidades. O próprio

Lobato não tinha conhecimento de que isso era possível. Para ele, assim como para muitos, só a Aritmética “da Emília” — disse fazendo o movimento com os dedos de quando se quer dizer que algo está entre aspas — servia para ensinar matemática.

— Neste caso, espero que “esta” história — Dona Benta repetiu o movimento do Visconde com os dedos, ao dizer a palavra “esta” — possa contribuir para que os professores desenvolvam esse olhar atento, não só para as histórias do sítio, e assim tornem a aprendizagem matemática mais prazerosa, mudando a visão que as pessoas têm da matemática.

— Eu acho a matemática interessantíssima! — exclamou a Emília.

— Que bom Emília! — disse a avó rindo da empolgação da boneca.

— Bom! O papo está muito bom, mas eu tenho que ir. Nossa conversa foi muito esclarecedora. Tanto que estou com algumas ideias na minha cabeça que preciso aproveitar — disse Lobato já se levantando e se despedindo.

— Não esqueça de me incluir nas suas ideias, Sr. Lobato! — lembrou-lhe Emília, gritando e acenando.

— Pode deixar Emília, lembrarei de você! — disse o autor rindo. — Como se fosse possível esquecê-la.

Dessa breve despedida entre criador e criatura, nasceu, na mente fervilhante de Lobato, outra boneca Emília, com mesmas formas, cores e vívida sagacidade destemperada, que logo anotou toda a conversa transcorrida e publicou tal manuscrito como um trabalho de sua autoria, sob o título de Letramento Matemático a partir da obra infantil de Monteiro Lobato: reflexões e possibilidades.

6. Referências

BRASIL. **Brasil no PISA 2015**: análises e reflexões sobre o desempenho dos estudantes brasileiros / OCDE-Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. — São Paulo: Fundação Santillana, 2016.

BRITO, Arlete de Jesus. A matemática e seu ensino no século XVII: dois ensaios. Tese (Livre Docência). Rio Claro: IB UNESP, 2011.

BRITO, Arlete de Jesus.; OLIVEIRA, Adriel Gonçalves. Desfiar e fiar a Aritmética da boneca Emília: práticas de ensino de matemática na obra de Monteiro Lobato. Zetetiké/FE. Unicamp & FEUFF. v. 23, n. 43. jan./jun. 2015.

CUNHA, Aline Vieira da; MONTOITO, Rafael. **O baú da vovó**: processos mentais para a aprendizagem do conceito de número. Editora CRV, 2021.

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. (org) **Letramento no Brasil**: habilidades matemáticas. São Paulo: Global: Ação Educativa: Instituto Paulo Montenegro, 2004.

Jelinek, Karin Ritter & Adam, Márcia Viviane dos Santos. (2020). Alfabetização Matemática entrelaçada à Literatura Infantil: um estudo da percepção de professores alfabetizadores. *TANGRAM–Revista De Educação Matemática*, 3(1), 46–61. <https://doi.org/10.30612/tangram.v3i1.11038>

LOBATO, Monteiro. **Caçadas de Pedrinho**. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2019a.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2019b.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. Volume 1. Ilustrações Paulo Borges. 2ed. São Paulo: editora Globo, 2008.

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 1 ed. São Paulo: editora Globo, 2010.

MIGUEL, Antonio. Percursos Indisciplinados na Atividade de Pesquisa em História (da Educação Matemática): entre jogos discursivos como práticas e práticas como jogos discursivos. *Bolema*, Rio Claro –SP, v. 23, n. 35A, abr. 2010.

OLIVEIRA, Adriel Gonçalves Pintando palavras: um diálogo entre as imagens no texto de Monteiro Lobato **Educação: Teoria e Prática**/ Rio Claro, SP/ v. 33, n.66. dez 2023 DOI 0.18675/1981-8106

OLIVEIRA, Adriel Gonçalves. SILVA, Luzia Batispta de Oliveira. O imaginário na obra Aritmética da Emília de Monteiro Lobato. **Educare et Educere**, v.12, n. 242, jan./abr.2017.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: Estética e Política*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 72 p. 2012

SILVA, Janice Rubira. Alfabetização e letramento matemático: as lentes que o percebem. **VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENSINO DA MATEMÁTICA**, Canoas, 2017. Disponível em: <http://www.conferencias.ulbra.br/index.php/ciem/vii/paper/view/7759/0>

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SONTAG, Susan. *Contra a interpretação*. Porto Alegre: L&PM. 1987.

Histórico Editorial

Recebido em 17/06/2024.

Aceito em 23/11/2024.

Publicado em 24/08/2024.

Como citar – ABNT

OLIVEIRA, Adriel Gonçalves; CUNHA, Aline Vieira da. Letramento Matemático a partir da obra infantil de Monteiro Lobato: reflexões e possibilidades. **REVEMOP**, Ouro Preto/MG, Brasil, v. 6, e2024038, 2024. <https://doi.org/10.33532/revemop.e2024038>

Como citar – APA

Oliveira, A. G., & Cunha, A. V. da. (2024). Letramento Matemático a partir da obra infantil de Monteiro Lobato: reflexões e possibilidades. *REVEMOP*, 6, e2024038. <https://doi.org/10.33532/revemop.e2024038>